



ANAIIS DE HISTÓRIA DE ALÉM-MAR

Vol. IV (2003)

ISSN 0874-9671 (impresso/print)

ISSN 2795-4455 (electrónico/online)

Homepage: <https://revistas.rcaap.pt/aham>

Horácio Peixoto de Araújo, Os Jesuítas no Império da China. O Primeiro Século (1582-1680). Macau, Instituto Português do Oriente, 2000, 485 páginas [recensão]

A. M. Martins do Vale

Como Citar | How to Cite

Vale, A. M. Martins do. 2003. «Horácio Peixoto de Araújo, Os Jesuítas no Império da China. O Primeiro Século (1582-1680). Macau, Instituto Português do Oriente, 2000, 485 páginas [recensão]». *Anais de História de Além-Mar* IV: 491-494. <https://doi.org/10.57759/aham2003.37822>.

Editor | Publisher

CHAM – Centro de Humanidades | CHAM – Centre for the Humanities
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade NOVA de Lisboa | Universidade dos Açores
Av.ª de Berna, 26-C | 1069-061 Lisboa, Portugal
<http://www.cham.fcsh.unl.pt>

Copyright

© O(s) Autor(es), 2003. Esta é uma publicação de acesso aberto, distribuída nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que o trabalho original seja devidamente citado.

© The Author(s), 2003. This is a work distributed under the terms of the Creative Commons Attribution 4.0 International License (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted reuse, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.



As afirmações proferidas e os direitos de utilização das imagens são da inteira responsabilidade do(s) autor(es).
The statements made and the rights to use the images are the sole responsibility of the author(s).

Ásia, Castanheda's *História do descobrimento e conquista da Índia*, Correia's *Lendas da Índia*, Gois' *Crónica*, Bocarro's *Década XIII*, and from Schurhammer (Xaverius' letters).

It is not common to find such a collection of materials in Chinese works. Most texts offered here are of direct concern for the articles in the first part of Jin's book. Thus, taken together, Chinese readers will certainly see in this publication a useful instrument for further research – an *ensemble* at least, which brings together scholarly expertise and the skills of an experienced translator. In regard to the essays it may be said that they move from the early times of Sino-Portuguese contacts to later periods, and from special to general. Perhaps the first pieces are stronger and better in quality than the later ones, which could mirror the fact that Jin Guoping – judging from his other publications – seems to feel more comfortable with sixteenth and early seventeenth century themes. On the whole, this book is an interesting collection, which will be of value for the Macau specialist, mainly in the Chinese speaking world, and for sinologists dealing with the history of coastal China.

RODERICH PTAK
Munich

HORÁCIO PEIXOTO DE ARAÚJO, *Os Jesuítas no Império da China. O Primeiro Século (1582-1680)*, Macau, Instituto Português do Oriente, 2000, 485 páginas.

Além da introdução, a presente obra apresenta-se dividida em duas partes. A primeira, intitulada «Contextualização Histórica da Missão Jesuíta na China (1582-1680)», consta de três capítulos que versam temas como «O Padroado Português do Oriente», «A Companhia de Jesus e a Missionação da China» e «A Questão dos Ritos Chineses». A segunda, totalmente dedicada ao padre António Gouveia (1592-1677), está dividida em dois capítulos, apresentando o «Perfil Humano» e o «Percurso Bibliográfico» do eminente jesuíta português.

Apesar do destaque que lhe foi dado na segunda parte e da suma importância que lhe foi atribuída em toda a obra, o padre António de Gouveia não aparece mencionado no título. Estranha-se esta omissão, porque, com esta referência, ter-se-ia desfeito a incontável ambiguidade existente entre o título adoptado e o conteúdo da obra. Na realidade, esta não é uma história dos jesuítas na China de 1582 a 1680, mas sim a história dos jesuítas na China, vista, essencialmente, através dos escritos do padre Gouveia e, de modo particular, da *Ásia Extrema*.

A publicação e divulgação dos escritos deste inaciano português seiscentista tem sido uma das tarefas a que Peixoto de Araújo se tem empenhadamente dedicado. Neste capítulo os seus méritos são, absolutamente, indiscutíveis e o seu afã digno dos maiores encómios.

O presente volume surge, portanto, na continuidade deste trabalho, sendo apresentado como um novo contributo para o preenchimento da inaceitável carência de estudos portugueses sobre os missionários que serviram o Padroado no Extremo Oriente. E para que não subsistissem quaisquer dúvidas sobre este propósito, o Autor, além da sua própria afirmação (p.11), citou C. R. Boxer (p. 10), mas a repetição dessa mesma citação, ainda que não integralmente, na p. 19, servindo de mote ao trabalho, parece-nos desnecessária e, por conseguinte, excessiva.

Por outro lado, a denúncia de Boxer, vinda a público em 1948, sobre a inexistência de estudos feitos por autores portugueses sobre a gesta missionária do Padroado no Extremo Oriente, embora mantenha a sua pertinência, já não tem a acuidade que teve até aos

inícios da década de 1990. Com efeito, em Março de 2000 (data da introdução da presente obra), a situação já era razoavelmente diferente, mas esta alteração não foi registada por Peixoto de ARAÚJO, continuando a sustentar que «os principais estudos vindos a público nas últimas décadas sobre alguns ilustres missionários portugueses que laboraram no Oriente trazem a assinatura de autores estrangeiros» e não duvida de que «o panorama geral é, efectivamente, pouco elogioso para os investigadores nacionais, salvo raras e honrosas excepções, de entre as quais nos parece justo destacar, no que à missão da China diz respeito, os nomes de João de Deus Ramos e de Rui Manuel Loureiro» (p. 11).

Os nomes citados não oferecem, obviamente, nenhuma objecção e mais que merecido é o relevo, mas, em relação a Rui Manuel Loureiro, surpreende-nos que o Autor não tenha sequer mencionado *A China na cultura portuguesa do século XVI. Notícias, imagens e vivências*, dissertação de doutoramento apresentada em 1995 (publicada, posteriormente, com o título *Fidalgos Missionários e Mandarins. Portugal e a China no séc. XVI*) que, muito antes de 2000, já estava à consulta na Biblioteca Nacional de Lisboa. Acresce ainda que a reedição de obras como as de Tomé Pires (1997), Frei Gaspar da Cruz (1996) e Galiote Pereira (1992), levadas a efeito por Rui Manuel Loureiro, foram ignoradas por Peixoto de Araújo, que continuou a citar publicações anteriores. Não se contesta o mérito das edições citadas, mas estranha-se que um autor destacado na introdução seja tão pouco citado no corpo da obra e descurada a referência aos seus trabalhos na bibliografia final.

Injustamente marginalizado, ficou também o Padre Manuel Teixeira, representado apenas em três trabalhos menores e, dois deles, praticamente, alheios ao tema em apreço. A sua obra *Macau e a sua Diocese*, ainda que citada na bibliografia final, nunca foi referida no corpo do texto. Igualmente omitida, foi a obra de Pasquale M. d'Elia, *Il Lontano Confino e la tragica morte del P. João Mourão S. I.* (1963) e, no entanto, o nome do padre João Mourão foi, justamente, um dos referidos por Boxer nas afirmações trazidas à colação por Peixoto de Araújo.

Importa ainda salientar que não encontramos qualquer alusão a obras portuguesas que, tratando o tema da presença da Igreja Católica na China, foram publicadas ao longo dos anos de 1990. Assim acontece com António Carmo, *A Longa marcha das religiões na China*, e *A Igreja Católica na China e em Macau no contexto do Sudoeste Asiático* (1994 e 1997), com o Padre Manuel Teixeira, *A Igreja em Cantão* (1996) e com Acácio Fernando de Sousa, *D. Joaquim de Sousa Saraiva. A contribuição para a História de Macau* (1998). Peixoto de Araújo está no direito de considerar que as obras aqui aduzidas não fazem parte dos «principais estudos vindos a público nas últimas décadas». Pode, obviamente, discutir a sua qualidade e questionar a oportunidade da sua publicação, não deve, todavia, omitir a sua existência e menos ainda no contexto em que ele próprio colocou a questão levantada por Boxer em 1948.

Além das publicações, outros trabalhos de natureza académica foram sendo conhecidos e, apesar de ainda não terem sido editados, já estavam disponíveis na Biblioteca Nacional de Lisboa, antes de Março de 2000. Estamos, concretamente, a referir-nos à dissertação de mestrado de António Graça de Abreu, *D. Fr. Alexandre de Gouveia, Bispo de Pequim (1751-1808). Contribuição para o estudo das relações entre Portugal e a China* (1998) e porque, como Peixoto de Araújo comprova com este seu estudo, a missão do Japão é indissociável da da China, não se pode omitir a referência à dissertação de doutoramento de João Paulo de Oliveira e Costa, *O cristianismo no Japão e o episcopado de D. Luís Cerqueira* (1998).

Se a estes estudos juntarmos os artigos publicados em revistas e as comunicações apresentadas em Congressos e eventos afins, seremos obrigados a concluir que, em 2000, a situação salientada por Boxer estava a sofrer significativas alterações, não estando, nessa altura, tão escassamente representada por autores portugueses como se pode inferir das afirmações de Peixoto de Araújo. A situação está longe de ser satisfatória, mas quer os trabalhos enunciados, quer os que nestes últimos dois anos foram concluídos, quer ainda

os que estão em realização comprovam a alteração que se vem produzindo neste sector. Urge continuar e alargar o trabalho encetado, mas, sendo reduzido o número dos que a esta tarefa se dedicam, é também imprescindível que todos sejam incentivados e ninguém seja esquecido ou marginalizado.

Difícil se torna apresentar uma bibliografia sem lacunas, mas parece-nos demasiado limitada a que o Autor nos apresenta neste volume. Entre as omissões, aponte-se a de autores como Jean-Pierre Duteil (1994), Jean Charbonnier (1992), J. S. Cummins (1978 e 1993), a dos estudos publicados nos dois primeiros volumes de *Sacrae Congregationis de Propaganda Fide Memoria Rerum* (1972-1973), sobre o Padroado, a *Propaganda Fide* e as Missões da China, e ainda a de autores mais clássicos, mas que fizeram escola na historiografia europeia, como M. Huc (1857), Keneth Scott Latourette (1929), A. Thomas (1923 e 1933) e Henri Chappoulie (1943 e 1948).

No que toca às fontes documentais, o Autor restringiu-se à documentação dos jesuítas e, embora seja um riquíssimo manancial de informações, estas necessitam de ser comparadas, confrontadas e cruzadas com outros fundos documentais. Dada a situação em que se encontram os estudos sobre o Padroado no Extremo Oriente e as suas relações com a *Propaganda Fide* e os Vigários Apostólicos, já não é possível, dentro do âmbito temporal escolhido para o presente volume, fazer um trabalho minimamente inovador sem, pelo menos, confrontar a documentação dos jesuítas com a da *Propaganda Fide* e a das Missões Estrangeiras de Paris. Ainda dentro do mesmo período e para o tratamento de temas como o da controvérsia dos ritos chineses ou o da rivalidade entre as diversas instituições missionárias a trabalhar no Extremo Oriente, será igualmente desejável uma consulta do acervo documental dos dominicanos e dos franciscanos espanhóis.

Com as referidas contingências bibliográficas, o resultado deste estudo não poderia ser muito diferente do apresentado pelo Autor, ou seja, uma mera narração de acontecimentos. Seria útil, se estes não fossem tão sobejamente conhecidos ou fossem objecto de polémicas discordâncias, mas no essencial tem havido, neste capítulo, uma grande sintonia entre os diversos autores. Não é, por conseguinte, de uma descrição de factos que necessitamos, mas da sua reinterpretação e recontextualização, fazendo emergir o papel desempenhado pelos missionários portugueses que, efectivamente, tem sido menosprezado pela bibliografia europeia e, sobretudo, pela francesa.

O que Peixoto de Araújo nos apresenta neste volume sobre o Padroado já foi escrito e com mais pormenor pelo padre António da Silva Rego. Sobre os jesuítas na China e a controvérsia dos ritos chineses, nada acrescentou à informação fornecida pelo Padre Manuel Teixeira no volume XIII (1977) de *Macau e a sua Diocese*, justamente intitulado *A Missão da China*, e o mesmo sirva para o tema dos Vigários Apostólicos e das quezílias que estes, com o apoio da *Propaganda Fide*, mantiveram com os missionários do Padroado descritas pelo mesmo Padre Teixeira no volume XIV da referida obra (1977), dedicado às missões portuguesas no Vietname e em *Portugal na Tailândia* (1983).

Na segunda parte, o Autor pouco adianta em relação aos dados fornecidos na introdução da *Ásia Extrema* (1995) e das *Cartas Anuais* (1998) sobre a biografia do padre António de Gouveia. Desenvolveu um ou outro pormenor e foi preenchendo o espaço com inúmeras citações do próprio biografado.

A grande vantagem desta obra poderia, não obstante, ter sido a da compilação de informações dispersas, facilitando-se o acesso às mesmas, mas esta mais-valia acaba por diluir-se na dificuldade da leitura. Fique, porém, claro que esta não decorre da linguagem de Peixoto de Araújo, que é correcta, directa e acessível, mas do excessivo número de citações, na sua maioria do padre António Gouveia, e com frequência exageradamente longas.

O recurso à citação é, praticamente, inevitável, todavia o seu uso necessita de ser ponderado e objecto de grande circunspecção. Em primeiro lugar, porque a citação é sempre um outro registo de linguagem que implica um irremediável corte no fluxo da leitura, obrigando o leitor a um redobrado esforço. Se a mudança de registo se torna

continua, o resultado só poderá ser o desinteresse pela leitura. Em segundo lugar, a citação não deve nunca repetir a informação já fornecida ou a fornecer pelo Autor. No presente volume, isto acontece com muitíssima frequência, havendo inúmeras citações, mais ou menos longas, que nada acrescentam ao que o Autor já tinha dito em menos palavras.

Por tudo isto, e contrariando a convicção de Peixoto de Araújo, não nos parece que esta obra tenha contribuído grandemente «para clarificar e alargar a visão que, pouco a pouco, se vem construindo dessa paradigmática experiência de relacionamento cultural entre o Ocidente e o Oriente». Fê-lo, meritória e indiscutivelmente, ao trazer a público os escritos do padre António de Gouveia, mas não o conseguiu com esta publicação que, na nossa perspectiva e parafraseando Lídia Jorge, ficou circunscrita ao desejo de vir a ser.

A. M. MARTINS DO VALE

Centro de Estudos Africanos e Asiáticos do I. I. C. T.

MANEL OLLÉ, *La invención de China, Percepciones y estrategias filipinas respecto a China durante el siglo XVI*, Wiesbaden, Harrassowitz Verlag, 2000, 199 páginas.

Pouco atentos à produção historiográfica do país vizinho, o encontro com este trabalho de Manel Ollé constituiu uma agradabilíssima surpresa. O título, simultaneamente sugestivo e provocador, acaba por ser explicado pelo Autor ao esclarecer que estava a usar o vocábulo «invención» na dupla acepção que tinha no século XVI, ou seja, como sinónimo de descoberta de novas realidades, mas também para designar a projecção de um imaginário pré-definido sobre essas mesmas realidades acabadas de descobrir (p. 11).

Foi, por conseguinte, nesta dupla perspectiva que o Autor desenvolveu o seu estudo sobre o encontro dos portugueses e espanhóis com o mundo chinês no século XVI e o processo que, a partir desse encontro, levou à transformação da imagem que existia na Europa sobre a China. Herdada do período medieval, esta representação, fragmentada e basicamente mítica, daria lugar a uma nova imagem renascentista assente em informações recolhidas no Oriente, e, por esse motivo, mais objectiva.

A estes dois temas, Ollé juntou um outro, expresso no subtítulo e desenvolvido na segunda parte, que versa sobre os projectos delineados na América e nas Filipinas visando o alargamento da influência comercial, missionária e imperial da Espanha até ao Império do Meio.

Com esta concepção, a obra, além da introdução e da conclusão, apresenta-se, naturalmente, dividida em dois grandes capítulos: o primeiro intitulado «La imagen ibérica de China en el siglo XVI», e o segundo «Estrategias filipinas respecto a China». Na primeira parte, o Autor refere os diversos materiais que portugueses e espanhóis facultaram aos que na Europa foram construindo uma nova imagem sobre a China, dedicando a segunda à análise dos diversos planos gizados pelos espanhóis com o objectivo de se fixarem no Império do Meio, fosse através de um contacto pacífico materializado em relações diplomáticas, comerciais e missionárias, fosse pela via da conquista militar.

Aparentemente independentes, as duas realidades – construção da imagem sobre a China e as estratégias de aproximação ao mundo chinês – não podem ser dissociadas, porque afinal, a definição das estratégias dependia da percepção que os espanhóis tinham da realidade chinesa. Daqui decorre a importância que Ollé deu ao processo de construção da nova imagem sobre a China, para nos demonstrar que, apesar da quantidade e da qualidade das informações coligidas, essa nova imagem continuava a não corresponder à realidade chinesa, ou seja, continuava a ser «inventada».

Com efeito, os novos conhecimentos, assimilados por portugueses e espanhóis, foram sendo interpretados não só em função das percepções que os ibéricos já possuíam sobre